MULHER MALANDRA: SER VIVENTE LIBERTA, EXPLORADA E MACULADA PELO MACHO OPRESSOR MALANDRO QUE TENTA SOBREVIVER À BIOPOLÍTICA INJUSTA IMPOSTA POR VARGAS: O SOBERANO DITADOR.

TRICKSTER WOMAN: NO SLAVE HUMAN BEING WHO IS EXPLOITED AND STAINED BY THE OPPRESSIVE MACHO MAN TRICKSTER WHO INTENDS TO SURVIVE THE UNFAIR BIO-POLICY IMPOSED BY VARGAS: THE SOVEREIGN DICTATOR.

Autor¹

Resumo: Este artigo pretende mostrar a relação conflituosa que a mulher malandra vive com seu macho opressor malandro que a explora e se apresenta como seu porta-voz nas suas composições musicais produzidas na era Vargas; e também argumentar que, ao estabelecermos para ela o mesmo conceito criado para o malandro, essa mulher só encontra uma saída para sua sobrevivência, no espaço da malandragem, através do exercício da prostituição. A razão do aprofundamento dessas questões repousa na necessidade de mostrar uma mulher malandra que tem a sua vida condicionada à figura do malandro. Na nossa análise, tomamos como aporte teórico a obra de Carla Lisboa Porto: *A mulher malandra e a popular nas percepções de Ismael Silva e do jornal Correio da Manhã (1930-1935).*

Palavras-chave: Malandragem. Gênero. Preconceito de gênero.

Abstract: This paper intend to show the conflict which the trickster woman lives with her oppressive trickster macho man that explores her, introducing himself as her spokesman in the letters of his songs, during president Vargas government; We also argue that, when we establish to her the same concept given to the Brazilian trickster, this woman only find a solution to survive, in this trickster´s space, working as prostitute. The reason to clarify these questions is a result of the necessity to show a trickster woman who has her life connected to the trickster man. We took, as theoretical foundation, the work by Carla Lisboa Porto: *A mulher malandra e a popular nas percepções de Ismael Silva e do jornal Correio da Manhã (1930-1935).*

Kiewords: Trickstery. Gender. Gender´s prejudice.

A relação conflituosa que o malandro mantem com a mulher no universo da malandragem é uma questão que merece ser aprofundada. Esta começa a ganhar notoriedade como aspecto polêmico da vida do malandro, por conta da postura reativa que ele é levado a ter com a mulher e o homossexual, no intuito de sustentar um engenho produtivo particular que o permita viver sem trabalhar ou sem pegar no pesado.

No que diz respeito à mulher, tencionamos mostrar um malandro que ao tentar assumir a identidade do burguês, reproduz, como forma de sobrevivência, uma postura um tanto reativa com relação à mulher malandra ao utilizá-la na manutenção do seu engenho produtivo, explorando-a financeiramente no desenvolvimento do lenocínio; e também quando se transforma em seu porta-voz, falando de seus desejos e anseios mesmo que o faça à sua revelia, nas letras de músicas produzidas pelo compositor malandro. O malandro toma esta postura principalmente na sua fase de regeneração, quando a acusa de ser causadora do seu comportamento e ações malandras, para se livrar das pressões do sistema que já o identifica como malandro e o leva a fazer apologia ao trabalho através da censura realizada pelo DIP(Departamento de Imprensa e Propaganda).

Ainda no que toca à mulher malandra, tentamos mostrar que o exercício do ofício de prostituta se mostra mais condizente com o desejo de uma mulher que também se recusa a trabalhar ou exercer atividades duras. Fomos levados a pensar que esta postura é também uma forma inconsciente de não se modelizar à biopolítica indigna imposta pelo Estado às mulheres que possivelmente foram produto do pós-abolição. Biopolítica que só propicia à mulher iletrada, negra ou mulata, desenvolver atividades penosas, que a leve a ter uma excessiva carga de trabalho, exercidas no recesso do lar, ao trabalhar como doméstica, ou desenvolvidas na rua, estando, na sua maioria, relacionadas ao trabalho de ambulante.

Para compreendermos a relação do malandro com o gênero feminino heterossexual, inicialmente devemos tentar entender como se estabelece a relação da mulher comum, e posteriormente da mulher malandra, no que tange ao seu envolvimento sexual com um macho heterossexual e particularmente quando este macho é malandro, para podermos tentar esclarecer como se processa a exploração desse tipo de mulher.

O sexo desde os primórdios faz parte da indústria do entretenimento. São raras as vezes, dentro do âmbito do capital, que o sexo só serve para procriação. No universo capitalista, ele está, na sua maioria, atrelado à necessidade de prazer, mas pode também ser praticado por alguns como uma forma de compensação pecuniária. Na verdade, em toda sua forma de expressão, ele obedece a um ritual de conquista. Esta conquista está quase sempre relacionada à disponibilidade de capital por parte do agente que busca esse prazer e este envolve rituais imprescindíveis que estão relacionados, em determinada medida, ao uso de bebidas alcoólicas por esse ser o maior agente motivador desse processo.

Ao longo do tempo, o uso de álcool tem servido como estimulante para o ato sexual como também para a conduta violenta de todos aqueles que circulam em um espaço violento e promíscuo. Espaço frequentado por pessoas de índoles variadas que procuram aventuras diferentes. As mulheres que não frequentam estes espaços, na sua maioria, mulheres do lar, também são vítimas de atitudes violentas por parte desses homens, principalmente no universo pobre da sociedade da época, por este ser o palco das ações de homens que têm posturas extremante discriminadoras e exploradoras com relação à mulher.

Segundo Porto (2008), na sua dissertação *A mulher malandra e a popular nas percepções de Ismael Silva e do jornal Correio da Manhã (1930-1935),* é recorrente, nessa época, que as mulheres das diversas classes sociais sejam espancadas por seus maridos quando estes chegam em casa embriagados.

O alcoolismo é outra causa muito importante nos casos de violência doméstica. Navalhas, canivetes, foices, barras de ferro, ou ainda outros objetos serviram como instrumento de agressão contra as companheiras. As razões eram as mais variadas, seja porque o jantar ainda não estivesse pronto, ou pelo simples fato de estar bêbado. No primeiro caso (retirado do Correio da Manhã), Odete Silva, uma negra de 25 anos, foi atingida por golpes de foice na cabeça e nos braços pelo companheiro Leonel. No segundo caso, Corina Rosa Silva, 36 anos, casada com Antônio Cardoso era, como mencionado pelo jornal, frequentemente espancada pelo marido quando estava embriagado. Prática que, aliás, era também muito frequente. Entretanto, para cada ação há uma reação. Cansada de ser espancada pelo marido, sempre alcoolizado, uma mulher, cujo nome não foi citado, reagiu. Esperou o marido dormir para lhe dar uma surra com um pedaço de pau. (PORTO, 2008.p.101).

No que concerne à mulher de classe social baixa, esse comportamento agressivo tem relação com os possíveis problemas vividos pelo homem em uma noite específica, que varia de uma briga de bar, ou de um malogro gerado por uma tentativa de conquista do sexo oposto, passando por problemas de ordem social como o desemprego, e que pode se resumir em um simples desejo de comer alguma iguaria, que ele traz crua, obrigando a mulher a levantar para prepará-la. Na sua possível negação, é comum ser agredida para forçar a realização da tarefa.

Estes atos violentos também podem acontecer na classe alta, apesar de as agressões praticadas nessa classe não compartilharem, na sua íntegra, com a mesma motivação ocorrida na classe mais baixa. A diferença de reação está no comportamento comedido da mulher de classe alta, que por razões óbvias, opta por evitar escândalo. Podemos ver esse comportamento agressivo filtrado na letra da música “De qualquer maneira” de Noel Rosa, malandro boêmio, que também retrata a realidade do universo da malandragem que, de determinada forma e em certa medida, ele combate.

Quem tudo olha quase nada enxerga  
Quem não quebra se enverga  
A favor do vento  
Eu não sou perfeito  
Sei que tenho de pecar  
Mas arranjo sempre um jeito  
De me desculpar  
  
Eu lá na Penha agora vou estifa  
Mas não vou como um cafifa  
Quem foi lá desacatar  
Mas a força falha  
Ele teve um triste fim  
Agredido a navalha  
Na porta de um botequim  
  
Pra ver a minha santa padroeira  
Eu vou à Penha  
De qualquer maneira...  
  
Faz hoje um mês que fui naquele morro  
E a Juju pediu socorro  
Lá da ribanceira  
Toda machucada  
Saturada de pancada  
Que apanhou do seu mulato  
Por contar boato  
  
Meu coração bateu a toda pressa  
E eu fiz uma promessa  
Pra mulata não morrer...  
Pela padroeira  
Ela foi bem contemplada  
Levantou do chão curada  
Saiu sambando fagueira  
  
Eu vou à Penha de qualquer maneira  
Pois não é por brincadeira  
Que se faz promessa  
E o tal mulato  
Para não entrar na lenha  
Fez comigo um contrato  
Pra sumir da Penha  
  
Quem faz acordo não tem inimigo  
A mulata vai comigo  
Carregando o violão  
E com devoção  
Junto à santa milagrosa  
Vai cantar meu samba prosa  
Numa primeira audição

(ROSA, Noel. De qualquer maneira).

Nesta composição percebemos como se mostra o mundo da malandragem. É nesse espaço circunscrito ao morro, e principalmente ao interior dos botequins, que acontecem brigas e assassinatos cometidos com navalha. É nesse universo malandro que Juju é espancada pelo seu mulato por causa de coisas corriqueiras que podem se restringir, como se mostra no texto, a um simples boato.

O homem que a tenta proteger diz que também não é perfeito, pois sabe que neste universo “tem que pecar”, ou seja, pode cometer a mesma atrocidade do infrator que agora ele combate. Também afirma que “quem olha nem tudo enxerga”, possivelmente querendo dizer que ele não tem certeza se os boatos ditos sobre a mulher, realmente existem.

Podemos observar nessa composição que parece ser comum, na época em questão, o agressor acreditar, sem averiguar, nas informações negativas ditas sobre a mulher, mostrando com isso seu preconceito com um ser que ele provavelmente não vê como confiável.

Podemos inferir nesse texto que não tendo as queixas da mulher pobre e negra ou mulata boa acolhida por parte da polícia, por esta sempre dar razão aos homens, a justiça tenha sido feita pelas mãos daquele que a tenta defender. Mas como o acerto de contas ficou para depois do incidente ocorrido, o protetor dessa mulher negocia com o agressor sua saída do morro e a promessa de não mais molesta-la. Agindo dessa forma, ele resolve malandramente a questão sem se expor ao perigo e sem ganhar um inimigo. É por isso que sabendo do ambiente violento em que vai estar, ele entra bem vestido (estifa), mas não vai desprevenido (cafifa), ou seja, possivelmente portando uma navalha, que certamente não tem a intenção de machucar outrem, mas que mostra estar preparado para enfrentar qualquer situação.

Por isso, a mulher, mesmo na condição de mulher malandra, muitas vezes tem o desenvolvimento de sua vida em sociedade relacionada à figura do homem malandro pelo fato de anatomicamente não ser capaz de enfrentamento com o sexo oposto, sendo muitas vezes obrigada a recorrer ao mesmo, na tentativa de sobreviver a diversos tipos de investidas desses homens brutalizados que povoam o universo malandro. Esta mulher que vive na noite pode ser vítima de subtração do seu dinheiro, de estupro, de espancamento, de escárnio e humilhação. Como sobreviver nesse ambiente hostil sem proteção?

Vimos a situação de uma mulher que não tem amparo policial e nem força física para se livrar da agressão do indivíduo heterossexual. A partir desse exemplo, veiculado pelo compositor de samba de malandragem que mostra o universo das mulheres pobres e negras que vivem no seu entorno, tentaremos mostrar, Inicialmente, como a mulher comum, que opta por não se submeter à modelização por parte do Estado, se transforma em mulher malandra e como essa mulher passa a ser vítima da ação do homem malandro, que por força da tentativa de sobreviver da profissão de cáften, a leva a ser vítima da sua exploração.

A transformação dessa mulher comum em mulher malandra, que geralmente tem início no conflito vivido no seio da família em decorrência das diversas causas que a obriga a sair da casa dos pais, tem como fator principal a relação malograda no campo sexual que antes fora estabelecida com seu parceiro heterossexual. A desonra é o primeiro fator que a leva a ser expulsa da casa dos pais e em muitos casos a leva ao suicídio que também é filtrado pelo compositor de samba de malandragem nas suas músicas.

Com relação aos suicídios, é comum as mulheres darem cabo à própria vida por terem vivido situações de grande humilhação por parte do seu companheiro, e pelo fato de serem vítimas de desonra. Isto pode ser visto na letra do samba “Mãe solteira” de Wilson Batista, malandro genuíno.

Hoje não vai ter ensaio, não   
Na Escola de Samba   
O morro está triste   
E o pandeiro calado   
Maria da Penha, a porta-bandeira   
Ateou fogo às vestes   
Por causa do namorado   
O seu desespero foi por causa de um véu   
Dizem que essas Marias, não têm entrada no céu   
Parecia uma tocha humana   
Rolando pela ribanceira   
A pobre infeliz teve vergonha de ser mãe solteira.

(BATISTA, Wilson. Mãe solteira).

Nesta composição, a mulher se suicida ateando fogo às vestes por causa do véu, que pode estar relacionado ao seu hímen rompido ou mesmo à impossibilidade de casamento. Sabe-se nessa época que a perda da virgindade por parte da mulher, acompanhada ou não de gravidez, resulta na sua expulsão de casa e à sua consequente acolhida em uma casa de prostituição. Por isso é comum à mulher suicidar-se. Contudo, ela ainda sofre antes de morrer com o peso da mão católica que afirma não ter lugar no céu para a pessoa que comete esse ato.

Outro tipo corriqueiro de morte por suicídio se dá através do envenenamento. Neste tipo, o compositor de samba de malandragem vai justifica-lo através de seu discurso machista que ironiza a propensão feminina ao suicídio. Ele toma como brincadeira uma prática muito recorrente na época que é o envenenamento e que tem como razão principal o fim dor relacionamentos por parte dos homens e que pode ser ilustrada na letra do samba “Com açúcar” de Wilson Batista.

Mexeu [...] mexeu [...]

O veneno e bebeu

Bebeu [...] bebeu [...]

Com açúcar até eu

Se atirou do Corcovado

Levou tempo e não morreu

Se jogou de para-quedas

Com açúcar até eu

Quis se atirar da “A Noite”

Mas seu corpo estremeceu

Desceu mesmo pela escada

Com açúcar até eu

Quis findar a existência

Por um amor que morreu

Se jogar do Pão de Açúcar

Com açúcar até eu.

(BATISTA, Wilson; OLIVEIRA, Darci de. Com açúcar).

Nesta composição, os compositores mostram uma mulher que é levada a suicidar-se, ironizando sua decisão de fazê-lo, ao mencionar o seu desejo de atirar-se de lugares muito altos como o Corcovado, o edifício “A Noite” e o Pão de Açúcar, às vezes usando para-quedas, em outras ocasiões desistindo do intento, e por último, só ficando no campo do desejo, como no caso do Pão de Açúcar.

Com base no que foi exposto acima e levando em consideração que o malandro retrata o universo da comunidade em que vive, podemos dizer que os compositores Wilson Batista e Darci de Oliveira, possivelmente estão se referindo a situações corriqueiras da época, que aconteciam no campo de representação sociológico. Também podemos observar que o malandro, que eles representam, é possivelmente vitimado pelas pressões de uma sociedade machista que o leva a desenvolver determinados tipos de comportamento, que em determinada medida o mostra constantemente exposto à tentativa de modelização e manipulação por parte do sistema. Malandro que não pode se comportar de maneira diferente na situação exposta, por conta da natureza do seu ofício que está relacionado à malandragem.

Outro fator que possivelmente pode levar a mulher ao suicídio é o rompimento do relacionamento por parte do parceiro que a desonrou prometendo casamento, mesmo sem tê-la engravidado. Para esta mulher o suicídio se configura como uma das únicas saídas para este infortúnio, porque certamente será expulsa da casa dos pais se por ventura estes forem informados, depois da noite de núpcias, pelo homem com quem contrai casamento, que ela não é mais virgem.

Belo Horizonte  
Deixa que eu conte  
O que há de melhor pra mim  
Não é o bordão deste meu violão  
Nem é a prima que eu firo assim  
Não é a cachaça  
Nem a fumaça  
Que no meu cigarro vi  
Belo Horizonte  
Deixa que eu conte  
Bem mesmo é estar aqui...  
  
  
Belo Horizonte  
Atrás do monte  
Rosinha deu pro Leitão  
Arrependida se pôs a chorar  
Jurando que nunca mais ia dar  
Porém, no outro dia,  
Leitão comia  
Na cama outro jantar  
E a Rosinha,  
Tão pobrezinha,  
De inveja quis se matar...

(ROSA, Noel. Belo Horizonte).

Nesta composição, Rosinha, além de ter perdido a virgindade, é traída pelo namorado. Depois desses dois golpes duros, ela tenta se suicidar. Se ela não se suicida, tem como possível destino as casas de prostituição, primeiro, por não ter como conseguir moradia de maneira rápida e imediata; e segundo para evitar o trabalho pesado, que se diferencie daqueles que ela exerce no seio do lar.

O fato de ser expulsa de casa e não ter onde morar pode ser ilustrado na própria vida do malandro boêmio Noel Rosa, quando o mesmo tira a virgindade de Lindaura, a mulher com quem viria a se casar por força das circunstâncias. A família a expulsa de casa. Quando ela o procura no cabaré, a caftina logo lhe convida para exercer a profissão de prostituta. Talvez, ela aceitasse, se Noel não resolvesse desposa-la.

A nossa intenção é também começar a mostrar a forma cautelosa e tática que o compositor de samba de malandragem age como porta-voz dessa mulher, mostrando de maneira muitas vezes irônica o seu universo social, através das suas letras de música. Vimos, por um lado, o quanto é conflituoso o universo dessas mulheres contado através da pena daqueles que se envolvem nas questões que dizem respeito ao seu coletivo, como é o caso de Porto; e por outro lado, vemos como esse espaço social é descrito pela pena do compositor de samba de malandragem, que geralmente é levado ironizar suas ações por conta das pressões que recebe do poder estatal que frequentemente o coloca em estado de exceção.

Percebe-se nos relatos acontecidos no campo de representação sociológico que o machismo é muito intenso com relação às mulheres, e mesmo no campo de representação das letras de música da época, ele é bastante disseminado, inclusive justificando a agressão masculina. Na letra da música, intitulada “Amor de malandro” de Ismael Silva, pode-se observar a ideologia machista que o malandro é levado a desenvolver, ao inconscientemente reproduzir o discurso de uma sociedade machista que vê a violência contra a mulher como uma maneira de expressar amor:

[...] Vem, vem

Que eu dou tudo a você

Menos vaidade

Tenho vontade

Mas é que se não pode ser

Amor é de malandro

Oh, meu bem

Melhor do que ele ninguém

Se ele te bate é porque gosta de ti.

(SILVA, Ismael; ALVES, Francisco; JUNIOR, Frei. Amor de malandro).

Pode-se inferir que no trecho “Se ele te bate é porque gosta de ti” pode ser interpretado como um correlato de uma frase popular que diz que “pancada de amor não dói”.

A mulher que esse compositor retrata é o corpo feminino cuja voz não tem eco por viver em uma sociedade machista que tem o homem como seu porta-voz.

O compositor malandro é o indivíduo que se levanta como porta voz da comunidade pobre, negra ou mestiça. Nas suas composições, ele traça seu próprio perfil e o perfil da mulher que faz parte do seu estrato racial e social. A imagem da mulher é construída a partir do seu discurso malandro. No seu discurso, ele é levado pelo sistema a projetar o que pensa da mulher e não exatamente o que a mulher realmente é. Esta projeção é produto, muitas vezes, de uma postura masculina machista que ele desenvolve como tática de enganar o sistema, fingindo-se regenerado.

O compositor malandro, a revelia da mulher, a representa no campo da música e esta é mais ferozmente reduzida ao seu discurso na sua fase de malandro regenerado. Nesta fase ele está sendo perseguido pelo poder instituído por fazer apologia à malandragem e por isso tem as letras de suas músicas censuradas pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Devido ao fato de tentar conservar seu status de compositor e ter seu trabalho lhe rendendo algum dinheiro sem que precise trabalhar (ele não vê a atividade de compositor como trabalho), ele passa a desenvolver outra tática de sobrevivência que é a de vender uma imagem de trabalhador para ao sistema. Para conseguir êxito neste intento, ele tem que produzir um vilão que justifique o seu comportamento. Neste sentido, ele macula a imagem feminina para que a sua imagem sobressaia como modelo de homem padrão. Devemos ressaltar que esse comportamento faz parte de uma tática malandra que ele é levado a desenvolver para sobreviver dentro do sistema que lhe oprime. Podemos observar este fato no samba “Não há” de Ismael Silva.

Não há quem não se iluda

Com teu sorriso traidor

Dizem que vingança é pecado

Então tu podes crer

Que eu serei um pecador

Nunca se deve

Confiar numa mulher

Porque, quando não se espera

Faz do homem o que ela quer

Por isso, a nenhuma

Eu darei a confiança

Pois ela ilude o homem

Como fosse uma criança

Mulher assim,

Deus me livre, não preciso

Meu benzinho, tu pensavas

Me iludir com teu sorriso

Já julgavas ser

Dona do meu coração

Queres me ver sofrer

Desista da pretensão.

(SILVA, Ismael; ALVES, Francisco; BASTOS, Nilton. Não há).

Nesta canção o malandro coloca a mulher como a causa principal da decepção dos homens. Aqui ela é mostrada como enganadora e passa a ter seu papel invertido. Antes era a mulher que mostrava a sua decepção por causa do comportamento volúvel dos homens; mas o discurso malandro muda essa ordem, mostrando um homem que desenvolve o papel de homem reto e que é vitimado pela astúcia da mulher.

Para começarmos a falar da possível malandragem da mulher dessa época, se faz necessário apontarmos para as possíveis configurações que levam uma mulher a se tornar malandra, como veremos na enumeração a seguir:

1) quando a mulher é de família muito pobre. Nesta situação, acontece de as meninas, de uma prole relativamente numerosa, serem vendidas pelas mães quando estas completam 12 anos. Nessa idade, elas já começam a entrar na puberdade, época em que os homens já começam a despertar o interesse sexual pelas mesmas;

2) quando expulsa da casa dos pais por ter perdido a sua virgindade com um homem que com ela se nega casar. Quando isto acontece geralmente a mulher está grávida ou a mesma confessa o “mau passo” na esperança de que o pai force o noivo a casar, antes que o mesmo fuja e ela fique desonrada;

3) quando o pai ou o marido pobre morre e ela não tem parentes que dela possam cuidar. Este tipo de infortúnio não lhe deixa outra saída que não seja a casa de prostituição;

4) quando o marido a abandona por ter se cansado dela. Neste caso, sua situação social passa a ser muito grave: primeiro, o pai não aceita devolução por ser desonroso e vergonhoso, para época, ter uma mulher separada de volta ao lar paterno e também pela crença de que a mulher é sempre culpada pelo insucesso do casamento. Mulher separada é mulher mal vista pela sociedade. Torna-se alvo de investida de qualquer classe de homens e não é respeitada; segundo por ser mulher. Na concepção da época, lugar de mulher solteira e virgem é no seio do lar, e se casada, ao lado do marido; terceiro, por não ter sido preparada para vida na pólis e por causa disso só tendo poucas opções de sobrevivência, sendo levada a pegar no pesado, lavando roupa de ganho, e a exercendo outras atividades de cunho similar; e quarto, quando ocorre ser negra e pobre, devido ao preconceito que impera. Geralmente, a mulher que tem esse perfil na época em questão pode passar a ser forte candidata a se transformar em mulher malandra, ou seja, prostituta;

5) e por fim quando a mulher que não quer se submeter a outro tipo de escravidão vivida pelas mulheres do período escravocrata, ou por aquelas do período pós-abolicionista que são levadas a desenvolver atividades remuneradas que as levem a um consumo excessivo de energia. Estas deliberadamente podem abandonar o lar e optar por não se modelizar ao sistema, adotando uma filosofia de vida similar a do malandro, de recusar a trabalhar ou exercer trabalhos duros.

Vimos que a adoção do uso do corpo para auferir lucros por parte da mulher geralmente acontece por força das circunstâncias já observadas, mas também pode acontecer por conta de uma atitude deliberada da mesma. Ocorre de algumas mulheres perderem a virgindade com um homem malandro pelo qual se apaixonam e ao qual resolvem seguir, e se transformarem em “mulher de vida livre” (prostituta).

O homem malandro que exerce a profissão de cáften costuma aliciar mulheres para essa prática. Entretanto ao ser pressionado pelo poder dirigente a fazer apologia ao trabalho, simula uma regeneração, se colocando na posição de trabalhador e culpando a mulher pela vida desregrada que leva. Este fato pode ser ilustrado na composição abaixo:

Cheguei cansado do trabalho  
Logo a vizinha me chamou  
Oh! Seu Oscar tá fazendo meia hora  
Que a sua mulher foi embora  
E um bilhete deixou (Meu Deus que horror!)  
O bilhete assim dizia:  
Não posso mais eu quero viver na orgia! (bis)  
  
Fiz tudo para ver seu bem estar  
Até no cais do porto eu fui parar  
Martirizando o meu corpo noite e dia  
Mas tudo em vão  
Ela é da orgia

(BATISTA, Wilson. Oh! Seu Oscar).

Esta composição mostra que há mulheres que mesmo que não tendo vivido os infortúnios de ter que sair da casa paterna por alguns dos motivos já apontados, sai deliberadamente, como acontece com a mulher do seu Oscar que abandona tudo para viver na orgia, que na nossa leitura se refere à prática da prostituição de forma deliberada.

Nessa última configuração que leva a mulher a aderir à vida malandra de maneira deliberada, podemos inferir que ela não vê o casamento como uma forma de livrá-la da escravidão do trabalho doméstico, entendendo que este também a remete a vivenciar trabalho duro. Podemos ilustrar essa deliberação no samba “Nunca ... Jamais”, de Noel Rosa.

Meu bem,   
não me faça sofrer  
Tu queres ter  
liberdade demais  
Os homens   
tu conquistas um por um  
Sem amar nenhum  
Não, não pode ser  
Nunca... jamais  
Em tempo algum  
  
Qualquer dia eu morro de um acesso  
Só por ver o teu processo  
De iludir os coronéis  
Qualquer dia eu perco a paciência  
Digo uma inconveniência  
E depois te meto os pés  
E vou pagar vinte mil réis  
  
Deste a todo mundo tua mão  
E teu pobre coração  
Mas parece uma estalagem  
Para salvação o que desejo  
É mandar fazer o despejo  
Pra poder descer bagagem  
Mas é preciso ter coragem  
  
Nada de ti posso aproveitar  
Nada tens para me dar  
Nem tens nota pra pintura  
Todo mundo sabe que és pobre  
Não herdaste o sangue nobre  
E abusaste da feiura  
Pra quem é pobre a lei é dura

(ROSA, Noel. Nunca...Jamais).

Na composição acima, a mulher malandra é a prostituta que engana os coronéis que conquista todos os homens e não ama ninguém. Aqui se retrata uma mulher volúvel que não tem condições morais de ficar com o homem que a ama, porque, na opinião dele, nada dela pode se aproveitar: ela é pobre (“não tens para me dar”), é negra (“não herdastes o sangue nobre”) e é feia. Na concepção do compositor é uma mulher que não foi feita para casar.

Na verdade, o casamento para a mulher pobre e negra, na época em questão, não se mostra configurar como solução para seus problemas financeiros, porque, se por um lado, casa com um homem de mesmo nível social e grupo racial negro, sua vida social não muda; por outro lado, é quase impossível contrair matrimônio com um homem branco e rico que lhe propicie um padrão de vida melhor. Quando acontece ser amásia de um homem desse porte, um dia ele se cansa dela e a abandona. Ao ficar sozinha tem que buscar seu sustento, realizando atividades pesadas como lavar roupas de ganho e trabalhar como ambulante, o que não se traduz na intenção de uma mulher malandra que prefere quase sempre se relacionar com pessoas de grupo social e estrato racial diferente. Podemos ver isto na canção “Me faz carinhos” de Wilson Batista.

Mulher tu não me faz carinhos   
Teu prazer é de me ver abandonado   
Ora vai mulher és obrigada a viver comigo   
  
Se eu fosse homem branco   
Ou por outra mulatinho   
Talvez eu tivesse sorte   
De gozar os teus carinhos   
A maré que enche vaza   
Deixa a praia descoberta   
Vai-se um amor e vem outro   
Nunca vi coisa tão certa   
  
Mulher tu não me faz carinhos...   
  
Oh! Meu bem o teu orgulho   
Algum dia há de acabar   
Tudo como o tempo passa   
A sorte é Deus quem dá   
Vou-me embora, vou-me embora   
Como já disse que vou   
Eu aqui não sou querido   
Mas na minha terra eu sou

(BATISTA, Wilson; ALVES, Francisco. Me faz carinhos).

Nesta canção, podemos ver a mulher negra e pobre que não quer casamento com um homem do seu grupo social e racial. Ela parece sonhar em casar com um homem branco e em último caso mulatinho por esses terem melhores condições de desenvolverem mobilidade social em uma sociedade racista. Apesar do seu descontentamento, este homem que a critica geralmente acredita que ela, por fazer parte do seu universo social e racial, deve ser obrigada a ficar com ele.

Ao tomar como base esses possíveis fatores que levam a mulher comum a ser expulsa do seio da família e transformar-se, por força das circunstâncias, em mulher malandra, a nossa intenção é a de ilustrar os argumentos que possam comprovar que a mulher que sai do lar nessas circunstâncias para se livrar de uma situação adversa, ou mesmo de se livrar da escravidão do lar, não encontre outra saída a não ser a de adotar a prática da prostituição. Por isso, vamos agora analisar os possíveis argumentos que nos levam a cogitar a mulher malandra como aquela que exerce o ofício de prostituta.

Se estabelecermos para mulher malandra o mesmo conceito que Moreira da Silva estabelece para o malandro, podemos dizer que essa mulher não gosta de trabalhar ou em outra instância não gosta de pegar no pesado. Assim sendo, ela passa a ser a mulher que tem a malandragem como profissão ou ofício. Mas o seu ofício nos leva a supor que seja o de prostituta. Essa conjectura se baseia em alguns argumentos.

O Primero é o de que, no período em questão, não há nenhuma atividade malandra que esteja fora do contexto da prostituição que lhe permita sobreviver sem pegar no pesado nesse mundo malandro e machista. Mundo em que a mulher não tem muitos direitos conquistados, principalmente nesse ambiente malandro hostil, no qual ela parece estar em desvantagem com relação aos homens.

Como podemos conceber a sobrevivência desta mulher malandra dissociada da atividade prostituível, se tomamos como verdadeiro o mesmo conceito aplicado ao malandro, ou seja, que “malandro é aquele que se nega a trabalhar e quando trabalha não gosta de trabalhos pesados” e que às vezes, quando a situação exige, comete pequenos furtos?

Se analisarmos as atividades que essa mulher malandra pode exercer para não pegar no pesado, descartamos inicialmente que esta desenvolva atividades relacionadas ao lar. Esse argumento se fundamenta na afirmação de que se ela foge da vida que está relacionada à escravidão do lar, certamente não vai desenvolver a mesma função fora do seu lar. Indo mais além, pode-se inferir que para quem não gosta de trabalhar, ou em outra instância, não gosta de pegar no pesado, qualquer outra profissão que exija horário fixo, jornada extensiva de trabalho ou gasto excessivo de energia não seja uma atividade que faça parte do projeto de vida de uma mulher malandra. Podemos ilustrar isso no samba de Noel Rosa intitulado “Dama do cabaré”.

Foi num cabaré na Lapa  
Que eu conheci você  
Fumando cigarro,  
Entornando champanhe no seu soirée  
  
Dançamos um samba,  
Trocamos um tango por uma palestra  
Só saímos de lá meia hora  
Depois de descer a orquestra  
  
Em frente à porta um bom carro nos esperava  
Mas você se despediu e foi pra casa a pé  
No outro dia lá nos Arcos eu andava  
À procura da Dama do Cabaré  
  
Eu não sei bem se chorei no momento em que lia  
A carta que recebi, não me lembro de quem  
Você nela me dizia que quem é da boemia  
Usa e abusa da diplomacia  
Mas não gosta de ninguém  
  
Foi num cabaré na Lapa [...]

(ROSA, Noel. Dama do cabaré).

Nesta composição intitulada “Mulher de cabaré” Noel refere-se a uma prostituta do bairro da Lapa. Como já vimos essa composição foi dedicada à prostituta Cici, mulher malandra por quem Noel se apaixona. Aqui, ele descreve a mulher que diz não poder se apaixonar por conta da natureza do seu ofício. É essa mulher que conquista o coração do “otário” Noel. Este, apesar de tê-la amado e de ter lhe dado muitos presentes e joias, não consegue conquistar seu coração.

Podemos observar, neste exemplo da prostituta Cici, que a mulher para conseguir alguma coisa na vida através do ofício de mulher malandra tem que ter qualidades dentro do campo sexual como a capacidade de sedução. A sua capacidade de ter ricos e variados parceiros repousa nesta sedução que vai lhe propiciar capital para obtenção de uma vida mais confortável na velhice. Se em tempo hábil consegue aplicar bem o que ganha durante sua vida prostituível, ela pode se transformar em dona de cabaré. Mas antes de conseguir êxito nessa escalada, deve ter um comportamento que se adeque à dinâmica desse mercado.

O universo da prostituição se constrói baseado na seguinte máxima: “quem tem o capital detém o poder”. Podemos chegar à conclusão de que quem controla este poder, se investe nesta lógica, e garante a posição de mando. O homem que se dirige a um prostíbulo vai em busca de uma mercadoria e esta mercadoria, além de ter preços diferenciados, também pode garantir a preferência e a assiduidade do cliente através da qualidade do serviço. O malandro, na posição de cáften, exige desta mulher que a qualidade do seu serviço esteja condicionada à variação do seu desempenho sexual enquanto “mercadoria”, atrelada diretamente ao fato de quanto o cliente pode pagar por esta variação. Depois de todos estes requisitos acordados, o cliente não mais pede ou negocia, ele ordena. Se a mulher se afina com esses requisitos talvez ela obtenha êxito nesta atividade.

Contudo se partirmos do princípio que a mulher malandra vive de pequenos golpes vamos incorrer em diversos deslizes de interpretação. Em primeiro lugar, é difícil imaginar uma mulher que vive no período que vai de 1930 até 1954, período em que a mesma tem poucos direitos conquistados, que haja alguma que viva do expediente de enganar as pessoas para sobreviver e tenha a malandragem como profissão ou ofício, que não seja prostituta. As atividades malandras da época como a caftinagem, o carteado e a atividade de gigolô são atividades desenvolvidas por homens. A mulher geralmente se transforma em caftina quando já tem larga experiência na vida de prostituta, e quando isto acontece, ela geralmente está velha, porque o estabelecimento de uma casa de prostituição exige que ao menos este tipo de mulher seja proprietária do seu quarto.

Em segundo lugar, se afirmarmos que a mulher malandra vive de pequenos golpes do tipo que nos relata Porto (apud Nestor de Holanda, 1970.p.45), mostrando a ação de algumas mulheres denominadas ‘malandras’ que são ditas ganhar a vida dançando com diversos clientes nas casas noturnas chamadas de “dancings”, como nesta citação: “[As mulheres] além do pequeno salário, ganhavam comissão sobre as despesas feitas pelos cavalheiros que as convidavam para as mesas. Era comum pedirem ao garçom: – Uísque com água tônica e um maço de [cigarros] Pour la Noblesse. O garçom já sabia: servia mate com água tônica. E aos incautos passavam a noite pagando doses de uísque”. (PORTO, 2008. p.44), podemos argumentar que essa posição não se sustenta pela explicação que se segue.

Do que se extrai do texto acima, podemos tirar as seguintes conclusões: primeiro, as mulheres daquela época que dançam para ganhar a vida também costumam prostituir. O pagamento de uísque para a dançarina se configura em uma espécie de ritual de preparação intermediado pelo uso de bebidas alcoólicas com o intuito de desembocar no enlace sexual. Um homem dificilmente pagaria diversas doses de uísque para uma mulher sem exigir nada em troca. E por fim, o fato de a essa mulher ser servido mate pelo garçom, além de ser uma forma da mesma se beneficiar com a diferença do montante que o homem pensava estar pagando pelo uísque, que na verdade seria acrescido ao capital que ela ganharia com a venda do corpo, tinha também a função de evitar que ela consumisse álcool por dias sucessivos e durante toda noite, o que a levaria a se transformar em alcoólatra.

Os pequenos golpes mencionados por Porto somente se tornam realidade quando acontecem no âmbito da prostituição. Os golpes podem ser dados em homens que com elas se deitam. É comum que homens vacilem ao dormir, depois do ato sexual, e deixem suas carteiras descansadas em algum aposento e ao menor descuido terem o seu dinheiro subtraído. Estes atos ilícitos, quando descobertos, e dependendo do perfil do freguês, podem ter consequências desastrosas para a mulher malandra, se ela não tem a proteção de alguém do sexo masculino, porque o mundo da malandragem é um mundo de violência e força física.

Desta forma podemos começar a entender que a mulher malandra, vista como prostituta, tem sua vida financeira atrelada ao malandro quando este ocupa a profissão de cáften. Neste sentido, ela passa a depender desse emprego para sobreviver e por extensão depende dele para exercer sua profissão.

Para reforçar nosso argumento, podemos mostrar, através do fragmento da composição abaixo intitulada “Olha o Padilha”, o atrelamento profissional desse tipo de mulher ao malandro. Percebemos que ao trabalhar para o malandro essa mulher se transforma em sua mercadoria. “[...] Quem disse que és trabalhador/ Tu és salafra achacalhador/ Essa macaca a teu lado/ É uma mina mais forte que o Banco do Brasil/ Eu manjo ao longe esse Tiziu [...]” ( SILVA, Moreira da. Olha o Padilha).

Nesta composição observamos que “Tiziu” significa mulher negra e “mina mais forte que o Banco do Brasil” nos remete à fonte de renda. Isto nos dá a ideia do grupo racial ao qual pertence a mulher malandra e ao tipo de atividade remunerada que ela desenvolve, além da relação que mantem com o malandro.

Todo o exposto nos leva a pensar, que em certa medida, exista uma relação de dependência mútua entre o malandro e a mulher malandra: ele depende de seus serviços de prostituta para sobreviver através da profissão de cáften; e ela depende da sua proteção para sobreviver em um ambiente hostil no qual a mulher não é respeitada. A exploração que o malandro a submete estende-se à sua fase momentânea de malandro regenerado, quando ele continua representando-a de forma mais acintosa pelo fato de, nessa fase, chegar a denegrir sua imagem para pousar de trabalhador honesto para o sistema.

Ao vender a imagem de trabalhador devotado, o malandro entra na sua fase de regenerado. Este fato ocorre por volta de 1940. Nesse período ele critica duramente a figura da mulher malandra. A partir desse momento, figura da mulher de comportamento vulgar perde relevância no seu discurso e vai ser substituída pela mulher do tipo Amélia. Já se evita falar em mulher malandra nas suas composições, e agora entra em cena as mulheres que são o protótipo de respeito e fidelidade a seus maridos. É isso que constatamos na composição de Ataulfo Alves e Mario Lago denominada “Ai! que saudade da Amélia”: “Amélia não tinha a menor vaidade /Amélia que era mulher de verdade”. (ALVES, A.; LAGO, M.) Nesse momento, a mulher malandra começa a ganhar mais visibilidade na sociedade como um entrave ao projeto populista e moralista do Estado.

A mulher malandra assiste passivamente às investidas do malandro em macular sua imagem e se comporta como um ser esquizofrenizado. O malandro a mostra recusando-se a regenerar-se. Toda vez que é mencionada, é exibida como uma mulher vacilante ainda seduzida com a malandragem.

A voz dessa mulher está estampada no discurso malandro. Este compositor malandro é porta voz da produção da subjetividade feminina quando lhe empresta a voz, não para expressar o seu real perfil, mas para mostrar as impressões que ele tem dessa mulher, principalmente da mulher malandra que é apontada como a responsável pelo seu caráter incorrigível e como aquela que é um entrave no seu processo de regeneração.

Frente ao exposto, observamos que a malandragem se mantém até o momento em que o poder instituído a permite. Quando invade a fronteira social e se mostra contrária ao discurso apologético trabalhista do governo, é perseguida, passando por um processo de recuperação que desterritorializa o malandro e consequentemente a mulher malandra que somente se expressa através da sua voz. Nesse momento em que se destrói o universo do malandro, construído pelo malandro compositor, junto como ele vai a mulher malandra que vive em um mundo marcado pelo discurso desse compositor.

Concluímos que a mulher malandra, que renuncia a vida do lar e tenciona ter uma vida pautada em não trabalhar ou mesmo não pegar no pesado, só encontre uma possibilidade que possa tornar positivo esse seu desejo que é o caminho da prostituição. Na realização desse desejo, ela conhece a vida dura e conflituosa do ambiente malandro e passa, em determinada medida, a necessitar dele para obter proteção.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. LAGO, M. Ai que saudade da Amélia. Disponível em: <https://www.youtube.com/XDtAViTRzac>. Acesso em: 16 jan de. 2011.

BATISTA, W. OLIVEIRA, D. de. Com açúcar. Disponível em: <https://www.youtube.com/wbctPdT51N1>. Acesso em: 05 abr de. 2014.

BATISTA, W. ALVES, A. Oh! Seu Oscar. Disponível em: <https://www.youtube.com/e8zGFIiTIeo>. Acesso em: 20 jan de. 2011.

BATISTA, W. Mãe solteira. Disponível em <http://letras.mus.br/wilson-batista/265225/>. Acesso em: 22 jun de. 2015.

GUATTARI, F. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. Brasiliense: São Paulo, 1977. Tradução Sueli Rolnik.

GUATTARI, F. ROLNIK, S. Cartografias do desejo. Vozes: Petrópolis, 2000.

HOLLANDA, N. de. Memórias dos Café Nice: subterrâneos da música popular e da boemia no Rio de Janeiro. In: A Mulher malandra e a popular nas percepções de Ismael Silva do jornal Correio da Manhã (1930 – l935). 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2008.p. 44.

MATOS, C. **Acertei no milhar**: malandragem e samba no tempo de Getúlio. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1982.

PORTO, C. L. A Mulher malandra e a popular nas percepções de Ismael Silva do jornal Correio da Manhã (1930 – l935). 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2008.

ROSA, N. **Belo Horizonte**. Disponível em: http://letras.mus.br/noel-rosa-musicas/1241579/. Acesso em: 22 jun de. 2015.

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ Dama do cabaré**. Disponível em: <http://letras.mus.br/noel-rosa-musicas/1285543>. Acesso em: 22 jun de. 2015.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**De qualquer maneira.** Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/noel-rosa/belo-horizonte>. Acesso em: 22 jun de. 2015.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**Nunca jamais.** Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/noel-rosa/nunca-jamais>. Acesso em: 22 jun de. 2015.

SILVA, I. ALVES, F. Me faz carinhos. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/ismael-silva/me-faz-carinhos>. Acesso em: 22 jun de. 2015.

SILVA, I. ALVES, F. BASTOS, N. Não há. Disponível em: <https://www.youtube.com/wAKDAM3mlHY>.Acesso em: 03 mar de. 2015.

SILVA, I. ALVES, F.; JUNIOR, F. Amor de malandro. Rio de Janeiro: Odeon, 1929. Disponível em: <https://www.youtube.com/hTEsaPG_Cds>. Acesso em: 19 jan de. 2014.

SILVA, M. da; Bruno; GOMES, F. Olha o Padilha. Disponível em: <https://www.youtube.com/8retHbv1af4>. Acesso em: 18 abr de. 2014.